

José Roberto Santos Neves

Ainda bem que Norah está aqui

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Amigo leitor, prometo que não vou falar da Amy. Ainda que todos nós, amantes da música em sua mais nobre essência, estejamos de luto pela perda precoce – porém esperada – dessa cantora excepcional, adianto que o texto que se segue é sobre uma estrela que despontou no início da década passada, tão importante quanto, e que tem tudo para prosseguir sua carreira iluminada.

Falo de Norah Jones, filha de Ravi Shankar, o guru que introduziu George Harrison e os Beatles à cultura indiana. Estava em 2002, na redação de A GAZETA, ao lado do então editor do Caderno Dois, José Irmo Gonring, quando abri um CD que acabara de chegar em meio à correspondência. A princípio sua capa não me disse muito: era o rosto de uma mulher – uma bela mulher, diga-se de passagem – porém, ilustre desconhecida. Seu nome – Norah Jones. Coloquei o CD “Come away with me” para tocar – acho que num discman, aparelho hoje obsoleto – e me surpreendi com o que ouvi: uma voz doce, delicada, um timbre agradável aos ouvidos e inserido em uma música de aura suave que logo foi acondicionada nas prateleiras do jazz contemporâneo, embora suas 14 faixas tenham muito pouco da célula rítmica do jazz – elas passeiam pelas baladas, o country intimista, o soul/folk e o blues.

Apresentei o disco ao Irmo que também ficou impressionado com a qualidade da cantora. Publicamos matéria de meia página enquanto as revistas semanais deram apenas uma notinha. Norah Jones ainda não havia “estourado”. Lembrem-se que estávamos em 2002, não havia YouTube, redes sociais, Facebook, Twitter, a indústria fonográfica brigava com o Napster, o mundo já corria na velocidade da internet, mas sem a loucura desenfreada que se veria nos anos seguintes.

Em 2003, “Come away with me” rendeu a nossa personagem oito prêmios Grammy e uma vendagem milionária que superou a marca de 23 milhões de discos vendidos. Logo foram lançados outros produtos com o selo de qualidade da jovem revelação, como o DVD “Live in New Orleans”, no qual ela aparece despojada ao piano vestindo jeans básico e blusa preta, acompanhada por um trio formado por Adam Levy (guitarra), Lee Alexander (baixo) e Andrew Borger (bateria). No rastro do sucesso da popstar, também surgiram gravações pgressas, como aquelas em que ela participou como intérprete no disco do guitarrista de blues Peter Malick, em 2000. Em 2007, a reencontrei como atriz de “My Blueberry Nights”, filme de Wong Kar-wai sobre encontros e desencontros amorosos. Apesar da má vontade de parte da crítica, para mim ela estava – como sempre – uma graça. E continua assim, para o bem da música contemporânea.

Conforme o combinado, caro leitor, não falei sobre a Amy, até porque na página 9 há uma crônica brilhante do parceiro Caê Guimarães sobre a d iva que nos deixou na semana passada. Mas ela indiretamente inspirou-me a escrever estas linhas. Impressionado com sua morte, acordei nesses dias com uma angústia daquelas que roubam o nosso oxigênio: sonhei que Norah Jones também tinha partido. Passado o susto, levantei com a sensação de alívio, tomei uma xícara de café preto e fui saborear as músicas de “Come away with me”.